

EM FAVOR DA VIRTUDE: ROMANIZAÇÃO E AS FILHAS DE MARIA

Gustavo de Souza Oliveira

Mestrando em História Cultural
Universidade Estadual de Campinas
(Unicamp)
Bolsista CNPq
gso_vicosa@yahoo.com.br



Palavras-Chaves: Religião, Mulheres,
Romanização.

Key-words: Religion, Women,
Romanization.

VISTA GERAL DO JARDIM DE VICOSA, tirada em 1916.

Uma fonte importante para o estudo sobre a religião no Brasil são as atas produzidas por associações, irmandades e escolas religiosas. Estes documentos possuem registro dos assuntos apresentados em diversas reuniões e encontros de grupos religiosos. Na cidade de Viçosa, Minas Gerais, encontramos diversas atas referentes às reuniões mensais da Pia União das Filhas de Maria. Este material é relevante para o estudo da romanização da Igreja Católica no Brasil. As orientações contidas nelas se referem à manutenção da virtude e da honra, uma das grandes preocupações dos romanizadores.

Segundo Pedro Rigolo Filho, podemos utilizar tanto o termo romanização quanto ultramontanismo. Todavia, ele aconselha o uso do primeiro quando nos referirmos ao momento posterior à proclamação da República, uma vez que entendemos romanização como a junção do catolicismo existente no Brasil com os desígnios de Roma, no que se refere aos dogmas e ritos. Assim, essa integração somente seria possível após a separação entre Igreja e Estado.¹

Ao analisarmos a romanização devemos considerar que, durante os séculos XVIII e XIX, o catolicismo no Brasil contou com grande participação de leigos por meio das irmandades e da interferência do governo nas atitudes da Igreja, o que dificultou a obediência às orientações papais.² Na segunda metade do século XIX, alguns bispos iniciaram uma reforma na Igreja do Brasil. Todavia, somente com o fim do Império, tornou-se mais fácil essa reformulação, a qual se deu pela clericalização, isto é, por meio da diminuição dos leigos das atividades religiosas.

Segundo Maria José Rosado Nunes, o processo de clericalização significava a feminização da Igreja, uma vez que incorporava as mulheres na religião, com o intuito de anular o poder laico. Dentro da hierarquia católica, investir nas congregações femininas significava utilizar a subordinação delas para combater a influência das irmandades lideradas por leigos.³

Foi diante deste contexto histórico que a Igreja possibilitou a fundação de congregações, seminários, colégios e associações. Escolas organizadas e dirigidas por religiosos foram instaladas a partir da segunda metade do século XIX e se espalharam em Minas Gerais e no Brasil como um todo. Em meados da década de 1950, correspondiam a

¹ RIGOLO FILHO, Pedro. *A Romanização como cultura religiosa (1908-1920)*. Campinas, SP, 2006, Dissertação (Mestrado em História), IFCH, Unicamp, p.03.

² Sobre a influência leiga no catolicismo brasileiro ver: BASTIDE, Roger. "Religion and the Church in Brazil". In: SMITH, Thomas Lynn. *Brazil, portrait of half a continent*. Nova York: Greenwood press, 1951.

³ NUNES, Maria José Rosado. "Freiras no Brasil". In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p 491.

50% das escolas privadas do país e o número de educandários ligados às ordens religiosas era maior que as escolas públicas.⁴ Os romanizadores possuíam duas preocupações básicas, dentre as quais destacavam-se: a obediência à Roma (representada pela arquidiocese) e o preparo moral. Por esse motivo investiram na formação dos clérigos e fiéis, enfatizando a obediência e a submissão à hierarquia católica.

A Pia União das Filhas de Maria foi uma dessas organizações fundadas no século XIX. Ela alcançou diversos membros durante o século XX. Suas primeiras associações foram organizadas em Minas Gerais, sendo a primeira em Mariana no ano de 1853, durante o governo episcopal de Dom Antônio Ferreira Viçoso. Tinha o objetivo de atender as alunas internas do Colégio Providência de Mariana.⁵ A outra foi criada em Diamantina, no ano de 1874, por meio dos esforços das Irmãs Vicentinas e do bispo daquela diocese, Dom João Antônio dos Santos. Nesta última cidade, participavam das reuniões alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores, moradoras do orfanato vinculado a este educandário e freiras vicentinas. Entre os anos de 1875 e 1948 esta organização se expandiu e alcançou o número de 117 associações e 11.623 filiadas.⁶

De acordo com Sandra Asano, as congregações religiosas e as Filhas de Maria se constituíram como ambientes de preparação espiritual de jovens para serem guardiãs da moral e da religião. No interior dessas organizações eram ensinadas normas de condutas dirigidas às mulheres; instituía-se um padrão de comportamento considerado virtuoso e civilizado.⁷ No trecho abaixo esses valores são recomendados da seguinte maneira:

(...) Disse ainda que uma Filha de Maria não é mais nem menos que uma boa Christã, e para o ser não é mister levar uma vida de freira, mas sim como uma donzella que saiba viver christamente, como um modelo de virtude na sociedade, sem exagero. Disse também que, por onde entrar o exagero, acaba a virtude, uma Filha de Maria pode vestir-se de conformidade com sua condição, contanto que não prejudique a virtude, que a Igreja não condena os theatros, cinema, bailes etc, mas que estes sejam bons, e se esses divertimentos se tornasse mais santa, poderia sem

⁴ MANOEL, Ivan A. “A ação católica Brasileira: Marco na periodização da História da Igreja Católica no Brasil (um projeto de pesquisa)”. In: COUTINHO, Sérgio Ricardo (org.). *Religiosidade, Misticismo e História no Brasil Central*. Brasília: CEHILA, 2001, p. 321.

⁵ Manual da Pia União das Filhas de Maria e da Federação Mariana Feminina e da Arquidiocese de Mariana. Com aprovação e bênçãos do Exmo. Arcebispo Metropolitano D. Helvécio G. de Oliveira. Mariana, Janeiro de 1952, p. 9-11. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Arquivo 5, gaveta 4, pasta 10.

⁶ ASANO, Sandra Nui. “Vigiai e orai: A Associação das Filhas de Maria e a preparação das mulheres para a missão de guardiãs naturais da moral e da religião”. In: COUTINHO, Sérgio Ricardo (org.). *Religiosidade, Misticismo e História no Brasil Central*. Brasília: Cehila, 2001, p. 303.

⁷ ASANO, Sandra Nui. “Vigiai e orai: A Associação das Filhas de Maria e a preparação das mulheres para a missão de guardiãs naturais da moral e da religião”, p. 303 e 305.

medo algum tomar parte nelles, o que não acontece. Fazendo o contrário não é filha da virgem S.S. , mas do demônio (...).⁸

O fragmento apresentado demonstra que nessas reuniões eram ensinados valores cristãos considerados essenciais para a formação de mulheres virtuosas. Assim elas deveriam observar seus comportamentos e vestuário, lembrando sempre do exemplo da Virgem Maria. Uma Filha de Maria tinha uma vida regulada com o intuito de garantir um cotidiano honrado. No manual dessa associação podemos ter uma noção do modelo de vida das participantes:

Modelo de Regulamento de vida

“Se quereis ter algum adiantamento espiritual, não vivas á vossa vontade, mas sujeitai todos os vossos sentidos ao suave jugo da disciplina” (Imit. de Cristo)

1) Levantar-se cedo, e em hora certa. Oração da manhã. Esforçar-se por comungar todos os dias, assistindo á Sta. Missa. Quando não puder comungar, fazer ao menos a Comunhão Espiritual.

2) Ao menos um quarto de hora de meditação cada dia.

3) Alguns minutos de leitura espiritual.

4) Recitar todos os dias o terço, meditando os mistérios. É um excelente meio para viver na companhia de Jesus e Maria, e aprender, em sua escola pratica das virtudes.

5) Assistir ás novenas, pregações, o mais que for possível.

6) Visitar o SS Sacramento, Maria SS e Sta Inês. Unir-se durante o dia a Deus, mediante freqüentes jaculatórias.

7) Fazer durante a oração da noite, um sério exame de consciência. Examinar, sobretudo, o defeito dominante e os meios de o vencer.

8) Deitar-se cedo, para ter as horas de sono necessárias á saúde e á execução do regulamento de vida.

9) Ter um Diretor Espiritual. Confessar-se breve e claramente, todas as semanas, sendo possível. Ser discreta em tudo o que se relaciona com a confissão e a direção. Deixar-se conduzir. Obedecer ao Diretor. “Um penitente que obedece nunca se condena”

10) Fazer todos os anos os santos exercícios espirituais.

11) Celebrar com especial devoção, as principais solenidades de Nosso Senhor, de N. Senhora e Sta Inês, fazendo uma fervorosa novena, ou tríduo de preparação para elas.

12) Não se esquecer do Mês de Maria, em honra da Rainha do Céu, assistindo a ele um público sempre que for possível, e na sede da Pia União.

13) Á imitação da SS virgem, procurar ser humilde, obediente, modesta e caridosa. São essas as quatro virtudes que compõem o espírito da Pia União.

14) Fugir da ociosidade, amar o trabalho, oferecendo-o a Nosso Senhor, bem como as contrariedades e dificuldades que o acompanham.⁹

⁸ Acervo do museu da Universidade Federal de Viçosa. Livro de Atas (Pia União das Filhas de Maria de Viçosa, 1917-1927), ata nº 21 p. 23 verso e 24. 1925.

⁹ Manual da Pia União das Filhas de Maria e da Federação Mariana Feminina e da Arquidiocese de Mariana. Com aprovação e bênçãos do Exmo. Arcebispo Metropolitano D. Helvécio G. de Oliveira. Mariana, Janeiro de 1952, p. 33-34. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Arquivo 5, gaveta 4, pasta 10.

É possível percebermos que as Filhas de Maria possuíam um cotidiano cercado de oração e devoção. Quatro virtudes formavam o espírito dessa associação, sendo elas: obediência, humildade, modéstia e caridade. Elas sempre deveriam estar atentas a essas orientações para não desviarem-se da moral imposta pela Igreja.

As atas referentes às Filhas de Maria constituem um material importante para o estudo da romanização no Brasil, uma vez que nos possibilita analisar uma preocupação básica dos reformadores, que era a defesa da honra de freiras e jovens que freqüentavam tais associações. Os conselhos morais e as exortações presentes em suas diversas reuniões demonstravam a excessiva preocupação com a conduta das mulheres perante a sociedade. No entanto, por mais que a Igreja fiscalizasse e exigisse das freiras e associadas uma conduta irrepreensível sempre houve alguém para descumprir tais orientações.

As atas não fornecem de forma clara os casos de desobediência entre as Filhas de Maria. Entretanto, percebemos uma excessiva exortação e diversas referências à punição. Esse fato pode caracterizar-se, para nós, como zelo, a fim de evitar que as jovens caminhassem por locais indevidos, mas também pode demonstrar que algumas delas estavam descumprindo certos regulamentos e que, por isso, o vigário diretor enfatizava tanto as punições e exortações.

A metáfora do urbanista, escrita por Michel de Certeau, no livro *A cultura no plural*, serve para explicar a relação existente entre normas impostas por uma *autoridade* e a sua recepção por determinadas pessoas. O estudioso afirma que através das *ações culturais*, as pessoas criam e recriam sobre o espaço dado a eles. Segundo Michel de Certeau, *autoridade* se caracteriza como tudo o que dá, ou que pretende dar autoridade, seja uma pessoa ou uma instituição; refere-se àquilo que é aceito como crível; ideologia (socialismos) ou instituições políticas ou culturais (sindicatos, partidos e igreja).¹⁰ *Ação cultural*, por sua vez, são movimentos que “...inserem criações nas coerências legais e contratuais. Inscrevem trajetórias, não determinadas, mas inesperadas, que alteram, corroem e mudam pouco a pouco os equilíbrios das constelações sociais.”¹¹

As maneiras de utilizar o espaço fogem à planificação urbanística: capaz de criar uma composição de lugares, de espaços ocupados e espaços vazios, que permitem ou impedem a circulação, o urbanista é incapaz de articular essa racionalidade em concreto com os sistemas culturais, múltiplos e fluidos, que organizam a ocupação efetiva dos espaços internos (apartamentos, escadarias etc.) ou externos (ruas, praças etc) e que debilitam com vias inumeráveis. Ele pensa em uma cidade vazia e a fabrica; retira-se quando chegam os habitantes, como diante dos selvagens que

¹⁰ DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Editora Papirus, 1995, p. 40

¹¹ DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*, p.250.

perturbarão os planos elaborados sem eles. Ocorre o mesmo com as maneiras de viver o tempo, de ler os textos ou de ver as imagens. Aquilo que uma prática faz com signos pré-fabricados, aquilo que estes se tornam para os usuários ou os receptores, eis algo essencial que, no entanto, permanece em grande parte ignorado.¹²

Assim como o urbanista, a Igreja (os romanizadores representados nas associações religiosas) pré-estabelecia um padrão de comportamento, um cotidiano, que deveria ser respeitado pelas moças dentro e fora da Associação das Filhas de Maria. Todavia, aquelas que recebiam essas orientações, assim como os habitantes que ganhavam um espaço para morar, agiam com interesses não previstos por seus idealizadores, construindo um espaço *flexibilizado* em uma estrutura *rígida*. Essas atas nos mostram o controle ou a norma imposta. Ao mesmo tempo, porém, nos fornecem elementos que nos instigam a pensar que diversas jovens burlavam esse controle, criando um espaço de ação não previsto pela Igreja.

Na ata transcrita neste trabalho, o vigário diretor aconselhou as Filhas de Maria a viverem virtuosamente em todos os lugares, com intuito de evitarem os comentários maldosos sobre suas vidas. As jovens eram como espelhos para outras mulheres e por isso deveriam possuir comportamento exemplar. Se não agissem desta maneira sofreriam conseqüências, pois a Virgem Maria castigaria as desobedientes e o próprio Vigário lançaria uma praga sobre elas.

As exortações e orientações presentes na ata demonstram a preocupação com a formação moral das mulheres (princípio romanizador). Além disso, apesar de não apresentar denúncia explícita contra as associadas, a ata fornece uma possibilidade interpretativa, pois pode indicar que algumas jovens já praticavam atos que geraram comentários maldosos. Desta forma, os diversos conselhos e ameaças de castigos seriam tentativas de corrigirem os problemas que afetavam a moral e a virtude das Filhas de Maria. Assim, na análise desta fonte, os conceitos de Michel de Certeau (*autoridade e ações culturais*) são importantes. Eles auxiliam na percepção do cotidiano religioso construído não por um padrão imposto pela Igreja, mas por uma relação existente entre as normas e a desobediência de algumas jovens (*ações culturais*), que agiam na cidade com comportamento diferente do ensinado na Pia União das Filhas de Maria.

¹² DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*, p. 233 e 234.

Documento:

Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria (1917-1927). Ata número 40 folhas 37 verso e 38 de 18/04/1926. Museu da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Laboratório Multimídia de Pesquisa Histórica da UFV.

[fl. 37v] Acta numero quarenta (40) da reunião mensal das Filhas de Maria da Escola Normal “N. Senhora do Carmo” em Viçosa.

Aos dezoito (18) dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte seis do nascimento de N. S. Jesus Christo, teve logar a reunião mensal das Filhas de Maria e á qual compareceram, o Rvmo Director, e maior parte das Associadas.

Depois das orações, de feita a chamada e de lida a acta da ultima reunião, o Rvmo Director leu o evangelho do dia, explicando-nos em seguida a phrase: “O bom pastor dá a vida por suas ovelhas”. Disse-nos então, como éramos todas ovelhas do seu rebanho e que portanto, como nosso pastor, mais uma vez nos avisava de que a praticada virtude é o que mais nos deve preocupar, porque o demonio e os inimigos da Egreja trabalhavam mais para elles do que nós par Deus; só somos catholicos enquanto não apparecem dificuldades; a troco do menor interesse, sacrificamos N. Senhor. Depois fez o seguinte apello ás Associadas: que todas promettessem a N. Senhora levar fora do collegio o mesmo rigor que parte somos culpadas dos escandalos que se dão num logar, expondo-nos, por nossos exageros, aos commentarios ridículos dos almofadinhas. Alem disso, somos no collegio, dentro da Egreja, uma cousa e fóra outra; para que isso, se a religião é a mesma dentro da Egreja e na rua, se a balança da justiça divina só tem um pêso e uma medida?

Muitos trabalham o anno todo para perder numa hora; lembremo-nos de que a Filha de Maria deve ser o espelho em que todos se possam mirar.

A que não seguir ou não quizer seguir estes conselhos pagará bem caro, pois N. Senhora a castigará.

Alem de tudo isto, disse o Rvmo Director que lançará uma [fl.38] praga sobre aquella que não attender a este appello caridoso.

Devemos procurar ser bôas, verdadeiras catholicas, virtuosas Filhas de Maria, porque o vicio tem sempre medo da virtude; vençamos as tentações, pois o valor do catholico está em combater valorosamente.

Por nada mais haver a tratar, lavrei a presente acta que assigno com os membros do Concelho.

O Director, Pe. Álvaro Corrêa Borges

A Directora, Irmã M^a Auxiliadora

A Presidente, Anna da Cção Machado

A Thesoureira, [*sem assinatura*]

A Secretária, Celeste Pereira.

Transcrição recebida em 16/06/2009 e aprovada em 05/08/2009.